

DF-clima

seca festejada

Clima de Brasília é considerado ideal por pilotos de asa-delta para a prática de vôo livre

Nehil Hamilton 19.8.00



A ESTRUTURA OFERECIDA POR BRASÍLIA AGRADOU TANTO AOS PILOTOS DE ASA-DELTA DE VÁRIOS ESTADOS QUE ELES PRETENDEM LUTAR PARA PROMOVER NA CIDADE O MUNDIAL DE VÔO LIVRE EM 2003

Eneila Reis
Da equipe **Correio**

O clima seco de Brasília nesta época do ano incomoda muita gente. No entanto, para os pilotos de asa-delta que disputaram, até sábado, a segunda etapa do Campeonato Brasileiro de Vôo Livre, a cidade é o paraíso. Por causa da baixa umidade do ar, formam-se muitas correntes térmicas (de ar quente), que favorecem os vôos. Os competidores decolam do Vale do Paranaíba, divisa com Goiás. O objetivo é descer na Esplanada dos Ministérios.

Depois de cinco dias de competição, a categoria elite teve como vencedor o carioca Luís

Niemeyer, com 4.260 pontos, seguido do gaúcho André Wolf (4.178). A terceira posição ficou com o carioca Carlos Niemeyer (3.956). Lincoln Moreira, de Brasília, garantiu o quarto lugar (3.783). A quinta posição foi do também carioca Carlos Alberto Schmitz (3.745). Outro brasileiro bem colocado foi Ricardo Ortega, nono (3.360).

Na categoria advance, o primeiro lugar foi de Luís Fernando, de Brasília, com 3.254 pontos, seguido de outro brasileiro, Marco Antônio Moreira (2.753). Em terceiro chegou Márcio Rosadas, do Rio (2.567). O troféu de revelação da prova ficou com Marco Antônio Moreira.

Os 45 pilotos inscritos fizeram a festa em meio à seca. A ci-

dade agradeu tanto que eles decidiram pedir oficialmente que Brasília sedie o Campeonato Mundial de Vôo de Livre de 2003 — o de 2001 será realizado na Espanha.

“Sem dúvida, a estrutura do Distrito Federal é perfeita. O lugar é ideal para abrigar as 200 asas-delta que normalmente participam da competição”, disse Luís Niemeyer, 37 anos, campeão da etapa brasileiro e quarto colocado na prova de sábado. “Aqui, temos a possibilidade de voar todo os dias, graças ao clima”, disse. Carlos Niemeyer, 41 anos, sexto colocado no último dia de disputas e terceiro na etapa, concordou com o irmão. Na capital federal estão as melhores termas, segundo ele. “Não tem

lugar melhor. Só falta o apoio da Secretaria de Esportes. Para a gente, o que importa é uma ajuda real.”

Outro a elogiar Brasília foi Carlos Alberto Schmitz, o Betinho, de Santa Catarina. Brasília, garante, é perfeita para o vôo livre. “Resolvemos apostar em Brasília. A infra-estrutura é fantástica e o local é um dos melhores para se voar.”

Betinho, 34 anos, disse que o Brasil passa por seu melhor momento no vôo livre. Segundo ele, independentemente de onde for disputado o Mundial, os brasileiros têm tudo para ser campeões por equipe e contar com pelo menos cinco pilotos entre os dez mais bem colocados individualmente. No sába-

do, Betinho foi o primeiro colocado, mas terminou em quinto na etapa.

APRENDIZADO

O brasileiro Lincoln Moreira, 32 anos, quinto no sábado e quarto na classificação geral, lembrou que em Brasília o clima permite mais tempo de vôo e não há problemas com o pouso, a exemplo de Governador Valadares (MG), onde é realizada uma das etapas do circuito Brasileiro. Lincoln comemorou o quarto lugar como se fosse o título. “Tenho pouco tempo de vôo livre, enquanto há gente aí com 20 anos. Ainda preciso aprender muita coisa”, reconheceu. “Às vezes, esbarro na falta de experiência, mas o tem-

po me dará isso aos poucos.”

Ele considera uma vantagem o fato de sempre conversar com pilotos de ponta. “Vou ganhando bagagem. Minha idéia é continuar treinando e, no ano que vem, *beliscar* um resultado melhor dentro de casa.”

O único acidente registrado no campeonato teve como protagonista o paulista José Laghi, no último dia de provas. Laghi, cuja participação não contava pontos para o campeonato, tentou pousar na Esplanada sem puxar o arrasto (para-quadras que serve como freio) para diminuir a velocidade da asa. Ele caiu de uma altura de cinco metros e fraturou o fêmur. Foi imediatamente socorrido pelo Corpo de Bombeiros.